ISSN: 2594-4630
Vol. 5, n. 3

REVISTA DE ENSINO EM ARTES, MODA E DESIGN

DOSSIÊ ESPECIAL I ENCONTRO DE GTs DO COLÓQUIO DE MODA

DOI: 10.5965/259446305320210 24

VESTUÁRIO, MEMÓRIA E (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA[1]

Clothing, memory and (de)identity construction

L'habillement, la mémoire et la construction de la (dé)identité

Laiana Pereira da Silveira[2]

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 Mestranda (Bolsista CAPES) no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Possui graduação no Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense campus Pelotas Visconde da Graça (2018) e é formada no curso Técnico em Vestuário (2012) pela mesma instituição. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4493023707282382; Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8506-5230 e-mail: laianasilveira@gmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a ligação existente entre o campo do vestuário com o da memória, identificando como a primeira área mencionada pode agir sendo um fator, tanto construtor, quanto desconstrutor identitário. Inicialmente, são trazidos conceitos fundamentais para que seja possível discutir a temática, posteriormente, são apresentados casos que exemplifiquem o que foi abordado de forma teórico-conceitual, como peças de vestuário, atualmente, preservadas em instituições museológicas. O estudo dá-se por meio de uma revisão bibliográfica e estudo de caso. Dessa forma, concluindo que a memória e a identidade são indissociáveis, e ambas podem ser modeladas e remodeladas, assim como o vestuário modela-se ao corpo, entendeu-se, então, que há uma ligação direta entre os três conceitos aqui abordados.

Palavras-chaves: Vestuário; Memória; Identidade.

Abstract

The present study aims to analyze the existing connection between the clothing field and the memory field, identifying how the first mentioned area can act as a factor, both constructor and identity deconstructor. Initially, fundamental concepts are brought so that it is possible to discuss the subject, later, cases are presented that exemplify what was approached in a theoretical-conceptual way, such as pieces of clothing, currently preserved in museum institutions. The study is carried out by means of a bibliographic review and case study. Concluding that memory and identity are inseparable, and both can be modeled and remodeled just as clothing ismodeled on the body, it was understood that there is a direct link between the three concepts discussed here.

Keywords*: Clothing; Memory; Identity.*

Résumé

Cette étude vise à analyser le lien entre le domaine du vêtement et le domaine de la mémoire, en identifiant comment le premier domaine mentionné peut agir comme un facteur, à la fois constructeur et desconstructeur de l'identité. Dans un premier temps, des concepts fondamentaux sont introduits afin qu'il soit possible de discuter du sujet ; ensuite, des cas sont présentés qui illustrent ce qui a été abordé de manière théorico-conceptuelle, comme les vêtements, actuellement conservés dans les institutions muséales. L'étude est réalisée au moyen d'une revue bibliographique et d'une étude de cas. En concluant que la mémoire et l'identité sont inséparables, et que toutes deux peuvent être modelées et remodelées tout comme les vêtements sont modelés sur le corps, il a été compris qu'il existe un lien direct entre les trois concepts abordés ici.

Mots-clés*: Vêtements ; Mémoire ; Identité.*

1 INTRODUÇÃO

Não restam dúvidas de que a sociedade contemporânea se apropria do vestuário para construir suas relações sociais. Para além disso, o indivíduo faz uso do vestuário também para (des)construir sua identidade. Dito isso, o artigo, aqui apresentado, tem como objetivo principal, refletir sobre o vínculo existente entre o campo do vestuário, da memória e da identidade, identificando como a primeira área mencionada pode agir sendo um fator de construção ou de desconstrução identitária.

Inicialmente, serão apresentados conceitos basilares para o entendimento da discussão que dar-se-á, bem como, para compreender os estudos de casos que serão abordados. Utilizando como base teórico-conceitual, pesquisadores que atuem nas áreas mencionadas, sendo elas, interdisciplinares, suas formações poderão ser das mais diversas, bem como, designers, neurocientistas, antropólogos, historiadores, egiptólogos, museólogos, entre outros.

De acordo com o neurocientista argentino Ivan Izquierdo (1989), a conceituação de memória surge através do entendimento de que ela é “o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se aprendizado. As experiências são aqueles pontos intangíveis que chamamos de presente” (IZQUIERDO, 1989, p. 89). Sendo assim, infere-se que a experiência é construída através do que é vivenciado no agora, mas que no momento em que pensamos no acontecimento, quando evocamos o que foi experienciado, já tornou-se passado.

O antropólogo francês Joel Candau (2019) categoriza a memória como o elemento essencial para a construção da identidade do indivíduo, o autor esclarece que “a perda de memória é, portanto, uma perda de identidade [...] Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece” (CANDAU, 2019, p. 59), dessa forma, o autor trabalha a ideia de que memória e identidade são indissolúveis, e da mesma forma que uma memória pode vir a modelar a identidade, a identidade também pode modelar as memórias.

Complementando Candau (2005), Merlo e Rahme (2015) ressaltam que “a memória marca, demarca e remarca e, nesse sentido, a nossa identidade está em questão” (MERLO e RAHME, 2015, p. 120), avaliando o pensamento das autoras, é possível compreender a importância existente na ação do esquecimento, principalmente quando este está relacionado na superação de traumas, acidentes, tragédias e fobias.

Candau (2005) evidencia que “a memória, com efeito, é uma faculdade cujos produtos são as recordações e o esquecimento. [...] Só depois de ter experimentado o esquecimento é que um indivíduo consegue apreciar a lembrança” (CANDAU, 2005, p. 11). O esquecimento não é de todo ruim, vale ressaltar que memória e esquecimento são elementos complementares, pois sem o esquecimento não há lembrança. Considerando a definição de lembrança da egiptóloga alemã Aleida Assmann (2011), um elemento de caráter retrospectivo, “acionado somente quando a experiência na qual a lembrança se baseia já estiver consolidada no passado” (ASSMANN, 2011, p. 15).

Candau (2019) traz essa dualidade entre memória e esquecimento ao relatar que "há nisso uma oposição trágica e paradoxal entre a amnésia que permite a sobrevivência, mas que enfraquece o sentimento de identidade, e a memória que, uma vez retornando, tal como "um câncer luminoso" vem devorar a vida da pessoa" (CANDAU, 2019, p. 154).

Candau (2019) ainda classifica a memória em três tipos, sendo eles: a *protomemória*, a *memória propriamente dita* e a *metamemória*. Sendo a protomemória constituída pelos "saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade" (CANDAU, 2019, p. 22), seria essa, a memória de nossos hábitos, como aprendizagens adquiridas na infância e carregadas ao longo da vida. A memória propriamente dita, também conhecida como memória forte, está diretamente relacionada às recordações, às evocações do passado e trazer ao presente as reminiscências mais distantes (CANDAU, 2019). E, por último, a metamemória como a "representação que cada indivíduo faz de sua própria memória [...] uma memória reivindicada, ostensiva" (CANDAU, 2019, p. 23).

Alinhavando o conceito de Candau (2005; 2019), o pesquisador Peter Stallybrass (2016) reflete que "a roupa tende, pois, a estar fortemente associada à memória. [...] Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua ausente presença" (STALLYBRASS, 2016, p. 17), e então, chegamos ao questionamento principal desta pesquisa: O vestuário pode ser considerado um elemento auxiliar para as reminiscências? E pode ser um fator que influencie na construção e na desconstrução das identidades dos indivíduos?

Partindo da premissa de que qualquer objeto pode ser considerado um suporte de memória, auxiliando na evocação das reminiscências, neste artigo, serão identificados alguns elementos que caracterizam o vestuário como suporte memorial, consequentemente, ligado à (des)construção identitária dos atores sociais. Dando continuidade à pesquisa, será definido para este estudo o vestuário como (NACIF, 2007):

> Um conjunto formado pelas peças que compõem o traje e por acessórios que servem para fixá-lo ou complementá-lo. Num sentido amplo do termo, o vestuário é um fato antropológico quase universal, uma vez que na maior parte das sociedades humanas antigas e contemporâneas são usadas peças de vestuário e acessórios que ornamentam o corpo humano" (NACIF, 2007, p. 1).

Diante disso, os exemplos que serão abordados para a visualização conceitual de forma prática, que respondem a está indagação são: o casaco do pijama que o presidente da República Getúlio Vargas estava usando na noite em que se suicidou, preservado no acervo do Museu da República, no Rio de Janeiro, e as roupas dos prisioneiros do campo de concentração de Auschwitz, atualmente expostas no Memorial[3] e Museu Auschwitz-Birkenau, através dos relatos do químico e vítima do regime nazista, Primo Levi.

Entende-se que a roupa como fator de caráter identitário pode ser analisada desde o início dos tempos, de acordo com a teoria criacionista, quando em Gênesis fala-se sobre Adão e Eva, que após caírem em tentação e comerem do fruto proibido, ao abrirem

3 Site oficial do Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau, disponível em: <http://auschwitz.org/en/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

os olhos viram-se nus, juntaram folhas de figueiras para se cobrirem, pois a partir daquele momento havia a sensação de constrangimento e vergonha.

Sendo assim, considerando o pudor como um dos fatores do surgimento da indumentária, entende-se que despir o indivíduo é uma forma de constrangê-lo e de tirar o seu referencial identitário. Para além do pudor, existem outros dois fatores conhecidos como influenciadores para a origem do vestuário, são eles: a proteção – principalmente, climáticas – e adorno – como forma de diferenciação entre os demais indivíduos da sociedade (BARTHES, 2005).

Visto que este artigo é um recorte do início da pesquisa de mestrado da autora, foi considerado como procedimento metodológico utilizar a revisão de bibliografia para abarcar melhor o questionamento levantado, apropriando-se dos casos citados acima, a fim de exemplificar para compreender os conceitos abordados.

2 AS RELAÇÕES ENTRE VESTUÁRIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Inicialmente, será apresentada a discussão acerca de um objeto têxtil musealizado, pertencente à memória nacional (POLLAK, 1989), a vida social do paletó do pijama do presidente da República Getúlio Vargas, usado na noite de seu suicídio, que é mantido com o intuito de conservação e preservação, aos cuidados da reserva técnica do Museu da República, situado na cidade do Rio de Janeiro. Uma das peças mais emblemáticas da exposição “Saio da vida para entrar na memória”, realizada entre os anos de 2014 e 2015.

Ao longo dos anos, a exposição dessa peça – em específico – vem sendo de curta duração, visando desacelerar a degradação do tecido, visto que, é um material que em exposição prolongada a um acondicionamento não tão ideal como a grande incidência de luz, a umidade relativa do ar e a temperatura do ambiente, pode vir a acarretar numa má conservação, portanto, a peça passa mais tempo na reserva técnica, acondicionada de forma adequada, do que exposta ao público, como prevenção de riscos.

De acordo com o site oficial do Museu[4], é possível encontrar algumas informações, acerca da peça de vestuário, através do que chamam de “memória do pijama”, ficando evidente que “profissionais especializados cuidam de sua preservação e conservação, por motivos técnicos ora ele é exposto à visitação pública, ora ele é guardado em lugar seguro e bem controlado” (MUSEU DA REPÚBLICA, s/d). Há, também, a seguinte definição para a relação entre o pijama e seu portador:

> Colocar uma roupa de dormir e preparar-se para a morte é um gesto simbólico e enigmático. Afinal, dorme-se com a roupa com que se acorda no dia seguinte, dando continuidade ao ciclo da vida. A roupa de dormir guarda a memória do fim e do começo dos dias, de algum modo ela encarna o sono e o sonho. Getúlio Vargas utilizou uma roupa de dormir para morrer. O corpo que dava volume à roupa deixou de existir, mas a roupa ficou entre nós, insone. A vida social do pijama continua (MUSEU DA REPÚBLICA, s/d).

4 Site oficial do Museu da República, disponível em: <http://museudarepublica.museus.gov.br/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

Bem como o título da exposição, o personagem aqui abordado tirou sua própria vida, mas entrou na memória nacional, e o paletó do pijama segue perpetuando de forma simbólica o dia ao qual o presidente escolheu para suicidar-se. Através da Figura 1 pode-se observar a peça em questão, ainda com a mancha de sangue preservada e o buraco da bala próximo ao bolso superior do paletó.

Figura 1 – Paletó do pijama do presidente da República Getúlio Vargas

Fonte: Instagram[5] oficial do Museu da República (2020)

Compreende-se que manter preservado este tipo de objeto têxtil, auxilia na conservação dos vestígios do passado. Tornando este objeto acessível à sociedade, possibilita que a mesma, possa trazer à tona suas reminiscências voltadas ao período em questão. Lembranças relacionadas ao portador do objeto, no caso do paletó do pijama, o público que visita a exposição e tem contato com o objeto exposto, possui um suporte memorial têxtil a seu alcance visual. A “memória do pijama” termina com a seguinte frase:

> Como um duplo do corpo do Chefe o pijama sobrevive, desafia a morte, acende a memória e vira manchete, tema de crônica, capa de jornal, inspira exposição, instalação artística e anima o movimento grevista. O tiro que mudou a história atingiu o pijama e deste então ele não descansa em paz. A vida social do pijama continua (MUSEU DA REPÚBLICA, s/d).

Na Figura 2, é possível observar o contexto ao qual o objeto musealizado está inserido, o quarto do presidente, onde ele veio a suicidar-se, situado no Palácio do Catete, onde atualmente é a sede do Museu da República, com as adaptações para melhor acondicionamento dos móveis e objetos.

5 Instagram oficial do Museu da República, disponível em: <https://www.instagram.com/museudarepublica/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

Figura 2 – Quarto do presidente da República Getúlio Vargas

Fonte: Site Viagem de A a Z[6]

De acordo com a museóloga Maria Cristina Oliveira Bruno (2006), "as instituições museológicas dignificam as ações humanas, preservando referências culturais que permitem a construção de processos históricos e identitários" (BRUNO, 2006 p. 119), e os objetos selecionados dizem muito sobre uma sociedade. Logo, quando decide-se preservar uma peça de um personagem importante da história oficial do país, entende-se que esse objeto emblemático faz parte da memória nacional – oficial.

Porém, de tempos em tempos, questionamentos devem ser realizados acerca da seleção dos objetos que foram selecionados como representantes da memória oficial de um país, visto que, a memória é um campo de disputa, principalmente, política, e a seleção desses objetos não ocorrem de maneira aleatória. Enquanto para alguns, o paletó do presidente representa parte da história oficial do país, para outros, não há o mesmo valor e significação atribuídos, pois há outras memórias consideradas tão importantes quanto.

Para Pollak (1989) "a memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes" (POLLAK, 1989, p. 4), além da memória ser vista como um campo imparcial, ela é um elemento usado para disputar território e poder. Sendo assim, é dever da sociedade questionar-se e questionar o Estado sobre quem tais objetos musealizados representam e para quem está direcionada essa representação de memória nacional, visto que, dificilmente um objeto, uma história, uma narrativa, um personagem, consiga representar de forma hegemônica uma sociedade tão ampla e diversa.

Em oposto **à** memória nacional – oficial, existem as memórias subterrâneas, memória dos grupos excluídos, marginalizados e das minorias (POLLAK, 1989). Portanto, assim como a seleção de preservar, em uma instituição museológica,

6 Site Viagem de A a Z, disponível em: <https://viagemdeaaz.com/pt/2019/06/11/rio-de-janeiro/galeria-38/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

um objeto vinculado a um presidente da República tem como objetivo manter a história desse personagem viva na memória nacional. Sendo assim, tirar de circulação objetos de vestuário pertencentes **à** história de personagens considerados como irrelevantes, torna-se propício para que a história dos mesmos caia no esquecimento da sociedade.

Já o segundo caso aqui a ser analisado, trata de um conjunto de peças de vestuário representantes de um coletivo, são os uniformes utilizados pelas vítimas do regime nazista, prisioneiras do campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau, na Polônia. Considerando para a análise, os relatos realizados pelo ex-prisioneiro e escritor italiano Primo Levi (1988) em sua obra É isto um homem?

Os uniformes preservados, conservados e expostos ao público, no Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau, são o registro material das memórias traumáticas do que foi vivido nos campos de concentração. De acordo com informações retiradas do site do Memorial, criou-se a Tabela 1 para possibilitar uma melhor visualização dos objetos que compõem as coleções do museu, entre eles estão:

Tabela 1 – Objetos que compõem as coleções do Museu de Auschwitz-Birkenau

80 mil sapatos	260 roupas civil
3,8 mil malas	40 m³ de objetos de metal derretidos
12 mil panelas	6 mil exemplares de coleções artísticas
460 próteses	40 kg de óculos
570 roupas de campo (os uniformes)	260 mantas judaicas de oração

Fonte: Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau[7]

No arquivo de Auschwitz-Birkenau há inúmeros registros fotográficos, documentos, entre outras tipologias de registros. Sabe-se que tanto durante o período de aprisionamento quanto posteriormente, surgiram inúmeras obras literárias de prisioneiros que foram vítimas do regime devido ao intelecto, tanto nesse campo como em outros. Um dos exemplos é a obra **póstuma** *A Memória Coletiva*[8], do sociólogo francês Maurice Halbwachs, **vítima do regime nazista, tornou-se prisioneiro no campo de Buchenwald, onde acabou falecendo em 1945, e sua obra foi publicada no ano de 1950, grande contribuição à academia e aos estudiosos do campo da memória, famoso por trazer o conceito de memória coletiva para as discussões.**

De acordo com os relatos de experiência pessoal, trazidos por Levi (1988) em sua obra, o italiano comenta que, ao chegar no campo de concentração, a impressão que ele tem sobre os prisioneiros é que são todos fantasmas, uniformemente padronizados dos pés **à** cabeça, com a aparência abatida, num momento inicial não há

7 Material didático de Auschwitz-Birkenau história e presente, disponível em: <http://auschwitz.org/gfx/auschwitz/userfiles/auschwitz/historia_terazniejszosc/auschwitz_historia_i_terazniejszosc_wer_portugalska_2010.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2021.
8 *La Mémoire Collective.*

como distinguir quem é quem, parecem todos iguais. Levi descreve “um boné ridículo, uma longa túnica listrada que, apesar da escuridão e da distância, adivinhava-se esfarrapada e imunda” (LEVI, 1988, p. 23).

O autor ainda relata que, sobre o ritual de chegada, chamado também de processo de higienização, primeiro os prisioneiros devem despir-se, amontoam suas roupas de civil, separam seus calçados, logo, chega um dos uniformizados varrendo os calçados para um canto, misturando tudo para o desespero das vítimas – mal sabem elas que não teriam o direito de calçar seus próprios calçados – barba aparada e cabelo raspado, todos, sem exceção. Após a higienização, recebem os uniformes listrados e um par de sapatos (LEVI, 1988).

Nas Figuras 3 e 4, é possível identificar a variedade dos tipos de objetos pessoais que eram confiscados, logo na chegada dos prisioneiros, no pavilhão da desinfecção, e o amontoado de calçados dos prisioneiros, respectivamente.

Figura 3 – Objetos pessoais dos prisioneiros confiscados pelos guardas

Fonte: Instagram[9] oficial do Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau (2020)

Figura 4 – Amontoado de calçados pertencentes aos prisioneiros

Fonte: Instagram oficial do Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau (2020)

9 Instagram oficial do Auschwitz Memorial e Museu, disponível em: <https://www.instagram.com/auschwitzmemorial/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

Naquele momento, Levi (1988) percebera que não deixava de ser mais um dos fantasmas, integrando-se ao grupo que tinha visualizado na chegada do campo. Todos iguais, a impressão era de que estavam em frente a um espelho, vendo no companheiro ao lado, o próprio reflexo. Levi (1988) reflete "nada mais era nosso: tiraram-nos nossas roupas, os sapatos, até os cabelos" (LEVI, 1988, p. 32), ou seja, tiraram a vontade de viver.

O contemporâneo Joel Candau (2019), ao referir-se a respeito da relação dos objetos com a identidade do indivíduo, aponta que "o sequestro de objetos que evocam a vida exterior é, ao mesmo tempo, um sequestro da identidade" (CANDAU, 2019, p. 160). Entende-se aqui que esse processo de higienização ao qual os prisioneiros passam logo na chegada, é uma limpeza do que eles eram fora dali, retirar tudo o que remete para o mundo fora dos portões é como apagar a vida que eles tiveram antes, retirar o referencial identitário deles, e o uso do vestuário foi um forte fator para a desconstrução de identidade de cada um, a uniformização tornou-os todos iguais, enfraquecendo-os psicologicamente configurando, o que Levi descreve, que "quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo" (LEVI, 1988, p. 33).

Ao referir-se sobre os prisioneiros dos campos, Candau (2019) ainda complementa:

> A aniquilação da memória e da identidade dos deportados antecede a suas exterminações físicas e começa pela "de-nominação", manifestando-se administrativamente pela substituição do nome de cada pessoa por um número de registro" (CANDAU, 2019, p. 67).

Corroborando com o que Candau (2019) apresenta, sabe-se que, junto aos uniformes, os prisioneiros recebem uma numeração, também marcada na pele. Daquele momento em diante ninguém mais é chamado pelo nome e se não souber seu número, não come, e ainda sofre represálias dos guardas. Porém, junto **à** numeração no casaco do uniforme, havia um símbolo, caracterizando a qual grupo o prisioneiro pertencia. Primo Levi (1988) relata que existiam três tipos de categorias:

> Todos vestem roupa listrada, todos são *Häftlinge*[10], mas os criminosos levam, ao lado do número, costurado no casaco, um triângulo verde; os políticos, um triângulo vermelho; os judeus, que formam a grande maioria, levam a Estrela de Davi, vermelha e amarela" (LEVI, 1988, p. 42).

Logo, pode-se identificar que os prisioneiros classificados por grupos e identificados pelo uniforme, possuem, dentro do sistema do campo, uma única forma de construção identitária coletiva, sendo o símbolo costurado no casaco do uniforme. Na Figura 5, pode-se observar um dos tipos de símbolos utilizados e a localização dele no casaco, bem destacado e visível.

10 Prisioneiros.

Figura 5 – Uniforme de um preso político, o triângulo vermelho desbotado devido as ações do tempo

Fonte: Instagram oficial do Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau (2020)

Encerra-se esta análise com o que Levi (1988) resumiu desse processo de transformação de homem a prisioneiro em uma frase que caracteriza a desconstrução identitária e o esquecimento, “quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo” (LEVI, 1988, p. 33).

7 CONCLUSÃO

Através da pesquisa realizada, pode-se perceber os fatores que evidenciam a relação do vestuário como um elemento tanto construtor quanto desconstrutor identitário, por meio da uniformização, e também o vestuário como objeto encarregado de não deixar cair no esquecimento as memórias, sejam elas nacionais como as traumáticas, das vítimas dos campos de extermínio.

Considerando o primeiro caso, pode-se concluir, através das percepções, a relação existente no vestuário como objeto representante da memória nacional, musealizado, preservado e conservado, uma peça de roupa eternizada na história social do país. Na vida social do pijama de um presidente da República, tal objeto possui a incumbência de não deixar que a história desse personagem político caia no esquecimento da sociedade, principalmente, ao considerar-se que foi a última vestimenta que ele usou em vida.

No caso dos uniformes dos prisioneiros de Auschwitz-Birkenau, a uniformização foi um fator que pôde gerar tanto a desconstrução quanto a construção identitária do indivíduo/coletivo. Quanto a memória das vítimas, os objetos expostos atualmente, trabalham contra o esquecimento das atrocidades realizadas durante o regime nazista e eternizam as vítimas que por aqui passaram.

Para além da relação existente entre os três campos aqui dispostos a serem estudados e relacionados, comprova-se a importância na relação entre a memória e o esquecimento, como apontou o autor Joel Candau (2019), sobre os benefícios e

malefícios de esquecer algo específico, visto que está diretamente ligado à identidade da pessoa, mas também atua amenizando o tormento que lembranças dolorosas poderiam evocar[11].

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

BARTHES, Roland. **Inéditos, vol. 3**: imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: **As várias faces do patrimônio**. Santa Maria: LEPA, 2006.

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1. ed. 5. rev. São Paulo: Contexto, 2019.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 33, n. 6, p. 89-112. 1989.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MEMORIAL E MUSEU AUSCHWITZ-BIRKENAU. Polônia. Disponível em: <http://auschwitz.org/>.

MERLO, Márcia; RAHME, Anna Maria. A moda e o museu: uma experiência no espaço digital. In: MERLO, Márcia (org.). **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras, 2015. p. 113-135.

MUSEU DA REPÚBLICA. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://museudarepublica.museus.gov.br/>.

NACIF, Maria Cristina Volpi. O vestuário como princípio de leitura do mundo. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, São Leopoldo. **Anais** [...]. São Leopoldo: Associação Nacional de História, 2007, p. 1-10.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupa, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Data de submissão: 18/02/2021
Data de aprovação: 08/07/2021
Publicado em: 08/09/2021

11 Marcia Glaci da Silva Bueno, http://lattes.cnpq.br/5110322995823527, e-mail: marciabueno@ymail.com.